

**Gregório de Mattos, uma boca infernal?**

---

**letrônica**

---

Neiva Kampff Garcia<sup>1</sup>

A CIDADE DA BAHIA cresceu, modificou-se. Mas haveria de ser para sempre um cenário de prazer e pecado, que encantava a todos os que nela viviam ou a visitavam, fossem seres humanos, anjos ou demônios. Não deixaria de ser, nunca, a cidade onde viveu o Boca do Inferno.

Ana Miranda, *Boca do Inferno*.

A epígrafe encerra o romance *Boca do Inferno* de Ana Miranda, publicado em 1990, e nos fala de um “poeta-personagem” que se inscreveu na História do Brasil e na História da Literatura Brasileira, desnudando histórias oficiais e personificando a sua ficção, que manejava como poeta de múltiplas faces. Gregório de Mattos nasceu na Bahia, em 1623, destinado a ser um membro de uma elite colonial, bem situada financeiramente, católica e fiel ao reinado português. Estudou em Coimbra, tornou-se advogado, viveu e trabalhou em Lisboa, retornou ao Brasil onde exerceu função administrativa na Igreja, agradou a alguns e desagradou a muitos, a ponto de ser exilado em Angola, de onde retornou para o Recife, ali permanecendo até a morte, em 1696<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestranda, bolsista CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de Estudos de Literatura, especialidade Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas, tendo Especialização em Literatura Brasileira pela mesma universidade. Seu último trabalho publicado foi “Machado de Assis e Guimarães Rosa, um espelho e dois rostos?”. In: ZILBERMANN, Regina (Org.). *Machado de Assis & Guimarães Rosa: da criação artística à interpretação literária*. Erechim: Edelbra, 2008, p. 371-377.

<sup>2</sup> Os dados biográficos utilizados constam em SPINA, 1995. Adotamos a grafia de Gregório de Mattos, em acordo com TOPA, 2001.

O poeta ocupa, na História da Literatura Brasileira, uma posição polêmica, sendo admirado por uns, rejeitado por outros e ignorado por alguns. Em nossa perspectiva, essas ocorrências estão diretamente relacionadas com as posições ideológicas dos historiadores, de acordo com os contextos da época em que eles se manifestaram, cujos valores sociais e propostas culturais constituíram ideários diversos a nortearem seus registros. A consideração de valor da poética de Gregório parece ter uma estreita relação com o lugar de produção do seu discurso, com a forma de expressão sobre as temáticas escolhidas e com a sua inserção – seu papel social – no contexto de época.

A história do século XVII trouxe consigo noções contrastantes entre o significado de passado e futuro, tanto na formulação do “novo” abaixo da linha do Equador – continuidade ou renovação –, como de significativas alterações das matrizes de poder européias, gerando processos de conflito e decadência. Mudanças, essas, que desafiaram os parâmetros sacramentados e deram vazão a muitas dialéticas, quer políticas, sociais, econômicas ou culturais, todas revestidas de valores antigos movendo-se em direção à reformulação. O poder aristocrático e a burguesia se confrontavam em busca do poder, a religião enfrentava reformas conceituais, a arte falava em rupturas e exageros. O Brasil sofria as conseqüências e importava resultados – povoado por portugueses rejeitados do sistema e invadido por outras nações –, embora fosse um “exportador”, isto é, um fornecedor de riquezas. Sobre isso reproduzimos:

O século XVII é no Brasil o momento crítico, é a fase do perigo, como o século antecedente fôra o momento da iniciação e da esperança. Nações estrangeiras e poderosas investem contra a nova colônia; é travada a luta contra os holandeses em Pernambuco e franceses no Maranhão, e se a expulsão destes é fácil, a daqueles é altamente embaraçosa. Vencidos uns e outros, a colonização progride para o norte, invadindo o vale do Amazonas. No interior os paulistas alargam também a esfera de seus descobrimentos; o país, ao fechar o século, está plenamente constituído.

Na luta contra os estrangeiros acrisola-se o sentimento nacional. Em todos estes fatos as três raças aparecem quase no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o *brasileiro* é já uma realidade. É o tempo de Vidal de Negreiros, de Calabar, de Amador Bueno, dos Palmares e de Gregório de Matos..... (ROMERO, 1960, p. 364, grifo do autor)<sup>3</sup>

A posição de Sílvio Romero, um entusiasta de um Brasil idealizado, que considera Gregório o nome fundador de nossa literatura, é a de propor que as relações de mescla dos elementos humanos geram um futuro social e culturalmente grandioso.

---

<sup>3</sup> Nesta, e nas demais citações, reproduziremos as grafias originais.

Na sua posição ideológica ele propõe que, no Brasil, seria produzida uma literatura com a cor local, com os valores aqui estabelecidos e por elementos humanos aqui configurados, cuja influência mútua se daria numa dialética harmoniosa, cada um contribuindo com o que de melhor tivesse a oferecer. Diz ele:

A literatura brasileira, como tôdas as literaturas do mundo, deve ser a expressão positiva do estado emocional e intelectual, das idéias e dos sentimentos de um povo. Ora, nosso povo não é o índio, não é o negro, não é o português; é antes a soma de tôdas estas parcelas atiradas ao cadinho do Novo Mundo. (ROMERO, 1960, p. 371)

Uma literatura tem uma base, tem elementos e tem *órgãos*. A *base* da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação à parte, como produto étnico determinado; os *elementos* são as tradições das três raças sem predomínio de uma sobre as outras; os *órgãos* são os nossos mais notáveis talentos, todos aqueles que sentiram como brasileiros. (ROMERO, 1960, p. 373, grifos do autor)

Se a alguém no Brasil se pudesse conferir o título de fundador da nossa literatura, êsse deveria ser Gregório de Matos Guerra. Foi filho do país; teve mais talento poético do que Anchieta; foi mais do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e num sentido mais nacional. O que me prende no estudo desta individualidade, é a ausência de artifício literário; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro; a vida do indivíduo ajusta-se à obra do poeta. Estava, além disso, em perfeita harmonia com o seu meio. (ROMERO, 1960, p. 373)

O autor considera o critério de nascimento necessário para a integração ao nacional, que deve ser fundado numa nova posição, a de ter e sentir uma brasilidade que traga em si o abandono da matriz portuguesa, com suas características, e origine um novo modo de escrever e viver. Essa proposição nos faz considerar que realmente Gregório preenchia tais condições, pois se percebermos sua produção dita erótica e/ou pornográfica<sup>4</sup>, sob esse ponto de vista, veremos que ele vivia a temática de dentro do poetado, tornando-se uma espécie de personagem atuando no contexto de onde e sobre o qual escrevia.

O mesmo se poderia propor em relação ao caráter satírico ou mesmo ao sacro de seus poemas; ele falava de um clero com o qual tinha uma convivência íntima, de mulheres que se relacionavam com ele nos mais diferentes níveis, de políticos com os quais estabelecia relação de favores ou desavenças, descrevia locais que percorria no seu cotidiano e se dividia entre o raso instinto do homem carnal e o ser espiritualizado capaz de refletir filosoficamente sobre seres reais e divindades.

---

<sup>4</sup> Os conceitos por nós utilizados, ao longo deste ensaio, baseiam-se em MOISÉS, 2004 e FERREIRA, (1997?).

Podemos pensar no excesso semântico que acompanha a produção de Gregório, como uma possível causa de rejeição – ou silenciamento – por parte dos formadores do cânone. Aquilo que Segismundo Spina refere como “realismo pornográfico” (SPINA, 1995, p. 33) e que Sílvio Romero considera uma característica da “*loucura da terra* com que se fundam as obras neste mundo” (ROMERO, 1960, p. 372, grifo do autor), seria visto como um elemento transgressor do que se apregoava ideal de literatura para o Novo Mundo. Em nossa leitura, havia o reconhecimento de que Gregório tinha autenticidade em repercutir os desmandos e desmazelos da sociedade em que vivia, mas também era visto como um agressor dessa mesma sociedade.

Embora sejam análises feitas em séculos distintos – a primeira edição da *História da Literatura* de Romero data de 1888 e *A poesia de Gregório de Matos*, de Segismundo Spina, é publicada inicialmente em 1946 – ambos comungam da mesma admiração por diferentes justificativas. Propomos que eles percebam a produção poética de Gregório do mesmo lugar social, levando em consideração o contexto original de onde surgem as temáticas e a forma como adequações ao momento histórico.

As diferentes épocas e os objetivos distintos de suas obras não os colocam em choque, pelo contrário, permitem análises convergentes. Enquanto Romero propõe uma história da literatura em que fala de periodicidade, do contexto social, analisa a origem do autor, sua obra dentro do sistema, a repercussão ao longo do tempo e outros fatores, além de estabelecer comparações entre autores diversos, Spina elabora uma edição dedicada a Gregório e sua poética, de um ponto de partida crítico, sem preocupações historiográficas, mas ambos percorrem caminhos semelhantes nas suas posições de análise, o que associamos a uma semelhança de discursos.

Ao procurarmos, em ambos, considerações sobre a poesia erótica de Gregório temos uma leitura de aceitação e/ou admiração pelas características nelas encontradas, enquanto outros autores estabelecerão os contrários de tais assertivas. Spina fala de um “Gregório Lírico”, dizendo:

O recesso paradisíaco do Recôncavo, onde aos ruídos dos engenhos se misturavam as vozes do caldeamento de raças sensuais e fortes, deveria madruguar na alma do Poeta algumas notas de lirismo ardente, boêmio e original. O seu alto poder de observação, as vicissitudes que provou uma existência atribulada e a escassez de espírito contemplativo denunciam o sentimental aventureiro, o adorador propenso aos amores realizáveis. As tintas carregadas, que às vezes repontam no correr de sua poesia, são a expressão sincera de uma sensualidade indisciplinada, de um erotismo meio abrutalhado a

que se entregou a senilidade do Poeta na estância do Recôncavo. (SPINA, 1995, p. 48-49)

O autor descreve, em outra obra, a poética de Gregório como reflexo de sua vivência encontrando nele uma espécie de evolução, que findaria com a inspiração religiosa predominando sobre a sua “impetuosidade venenosa” (SPINA, 1986, p. 115). Nos dois momentos, ocorre a inclusão da poesia erótica e/ou pornográfica de Gregório, sob a égide do valor da obra, não havendo censura ou silenciamento sobre essas características. Parece-nos legível nas assertivas de Spina uma “não-aceitação” quanto à forma – a linguagem, especificamente –, mas uma aceitação do conteúdo, enquanto pertinente ao contexto social de época. Diz ele:

Numa carreira literária descontínua e de difícil reconstituição cronológica, Gregório de Mattos militou por todos os setores da poesia: na sátira, na lírica profana e religiosa, na encomiástica, explorando também todos os recantos da versificação. Foi, sem dúvida, o primeiro prelo e o primeiro jornal que circulou na Colônia. Ao que parece, o lirismo do poeta, sobretudo o amoroso, foi precedido por uma intensa atividade satírica; a certa altura as duas formas correram paralelamente, até que, como ponto de chegada, um período de fé e de reflexão lhe abonou a impetuosidade venenosa e o gênio picaresco. (SPINA, 1986, p. 114-115)

Em Romero as referências são mais veladas, encobertas por comparativos e ações que nos encaminham a não destacar a semântica agressivamente sensual, buscando valorizar a capacidade criativa do poeta em circular entre o lírico e o satírico com maestria. Percebemos no autor uma intenção de valorizar a face lírica de Gregório e justificar os “excessos” da versão satírica, ao referir-se ao seu fazer poético com expressões como: “amostras de belo lirismo” (ROMERO, 1960, p. 379), “genuíno iniciador de nossa poesia lírica e de nossa intuição étnica” (idem, p. 382), “um Bocage do século XVII” (idem, p. 377), “o censor de sua época” (idem, p.377). Diz, ele, ainda:

O poeta nunca deixou seu gênio folgazão e pilhérico, sua atrábilis mordaz, o prazer pela música, em que era delicioso cantor de modinhas e tocador de viola; nunca o abandonou também o gosto de viver com a plebe e entre as classes puramente populares. (ROMERO, 1960, p. 376)

A *faculté maîtresse* em Gregório de Matos é a da sátira; mas é êle um bom lirista. O *momento* predominante em sua *evolução* é o da estada na Bahia depois da volta de Lisboa.

O lirismo do poeta baiano é um lirismo simples, espontâneo no fundo, um pouco alterado pelo *cultismo* amaneirado da época.

O elemento subjetivista é pouco acentuado.

A crítica mesquinha de nossos retóricos tem sempre considerado o nosso Guerra como um insolente, um filho do despeito, vomitando impropérios sobre todos.

Este juízo é errôneo.

O poeta era um homem impressionável pelas belezas do mundo e da sociedade; tinha em si o gérmen das efusões amenas, doces, virginais. (ROMERO, 1960, p. 377-378)

Sílvio Romero e Segismundo Spina convergem, em nossa proposta, para uma leitura comum do que chamamos de dialética de Gregório, na qual o poeta mistura enquanto opõe, entrelaçando o lugar social de onde fala e a linguagem através da qual se expressa, assumindo com isso dois discursos distintos, embora comunicantes, o do colonizador que era precipuamente lírico e o do colonizado, satírico numa comicidade agressiva e no rebaixamento semântico que promove ao falar das paixões humanas.

Gregório usa a linguagem que o Brasil mestiço lhe fornece na vivência cotidiana o que, de acordo com Romero, é o “lado humorístico e satírico” onde ele “dá entrada a certos termos puramente *brasileiros* e emprega um torneio de linguagem inteiramente popular” (ROMERO, 1960, p. 379, grifo do autor), enquanto estabelece um rebaixamento de gêneros, funções e papéis, seja pelo humor, pela adjetivação negativa, pelo diálogo contrastante de construções lingüísticas vulgares com formas elevadas, seja pelo juízo de valor que promove ao confrontar o edificante e ideal com o rebaixado e real. Para alguns, o seu lirismo erótico é agressivo, ao passo que para outros temos nele apenas uma face de realismo satírico e grotesco.

Propomos pensar num viés de realizar, vivenciar uma ação descrevendo-a pelo poema, ao contrário de usar a imaginação para compor sua lírica, promovendo assim uma inversão no fazer poético usual. A ideologia do Barroco permitiria ao poeta o uso do excesso e o meio lhe forneceria os elementos dos contrários, do choque e do contraste. A sua obra percorre o “maldito” e o “ideal”, mas é no aspecto de autoria que repercutem, até hoje, os grandes questionamentos, quer pensemos em “plágio” ou registros escritos. Ao percorrermos a história literária da época sempre iremos nos deparar com um contraste, quer intrínseco na obra de Gregório, quer no comparativo deste com António Vieira – o clérigo que criticava a sociedade através dos sermões, no uso da palavra de Deus –, reconhecido canonicamente pela retórica brilhante adequada aos pressupostos enaltecendores da literatura prescrita. Nesse sentido, encontramos a seguinte colocação de Spina,:

Gregório fez da sátira o seu breviário: é ele no Brasil quem inicia o filão da farsa e do espírito destrutivo, com prejuízo de todos os preconceitos, do amor-próprio e da própria família, ao contrário do se deu com Vieira, que antepôs às sátiras “as agudezas poéticas e a diplomacia”. É por intermédio deles e dos cronistas da época que poderemos reconstruir com grande fidelidade o retrato da sociedade brasileira do século XVII. (SPINA, 1986, p. 117)

Percebemos assim, um Gregório que constrói a sua poética desconstruindo o real e, desse modo, participa da construção de uma nova realidade diferente do padrão aceitável na ficção em voga. A sua popularidade, à época, referida por muitos historiadores e críticos de nossa literatura, nos leva a pensar que isso poderia representar um reconhecimento de seu diferencial dos padrões vigentes, enquanto “popular” pelo humor e pela linguagem. A sua poética híbrida poderia ocasionar, entre a elite cultural, um movimento contrário, de rejeição, por estabelecer um percurso diferencial. Internamente, sua obra parece ser uma produção de contrastes e a recolha, efetuada por seus estudiosos, acabou por gerar uma incerteza autoral de grande parte dos poemas. A hibridez poderia derivar do uso constante de elementos antagônicos, tanto no objeto poetado, quanto na temática exposta, fazendo com que tenhamos a impressão de que cada historiador e/ou crítico consultado pareça evocar múltiplos Gregórios.

Um desses múltiplos é passível de censura e/ou silenciamento de sua produção, mesmo por aqueles que lhe reconhecem o valor, ou talvez, o mérito. Ferdinand Wolf, autor de *O Brasil literário*, reconhece valor no poeta, mas censura-lhe o que chamamos, até aqui, de excesso no viés erótico de sua lírica, dizendo:

Embora Gregório de Matos esteja entre os melhores e mais fecundos poetas brasileiros e que suas obras hajam sido recolhidas com zelo e possuamos dele numerosos ineditos, dele se publicou com grande numero de depurações impostas pelas obscenidades que pululam em seus escritos. (WOLF, 1955, p. 37)

A leitura desse trecho parece indicar uma censura moral, independente do critério estético que o autor possa propor em sua obra, além de colocar Gregório em certo patamar de apagamento, pois apregoa que a nossa literatura levou dois séculos para produzir um caráter nacional, já que haveria, nesse período, elementos literários trazidos pelos portugueses e, concomitantemente, uma ausência de condições locais de produção locais, que só apareceriam com a formação de um homem com caráter de brasileiro.

Conforme Wolf o reinado da imitação só seria desconstituído com os árcades, partícipes de uma tentativa de emancipação, o que claramente associa a produção literária brasileira com a independência política. Gregório tem seu registro, mas não tem espaço para se fazer conhecer por pertencer a uma cultura local, que ainda não comportava o nível de civilização necessária à constituição de uma literatura propriamente dita. Afirma o autor:

A história do desenvolvimento da civilização e da literatura do Brasil e de toda a América tem uma certa analogia com a da Europa moderna. Nestes dois continentes, atuaram os mesmos fatores, mas em sentido inverso. Na América este desenvolvimento teve o seu ponto de partida numa civilização anterior e de povos semi-selvagens, mas foram os conquistadores que trouxeram a civilização, enquanto os indígenas quase todos bárbaros (com exceção dos mexicanos e peruanos) só puderam utilizar-se da cultura nascente, misturando-se a seus opressores. (WOLF, 1955, p. 16)

A colocação de Wolf parece indicar uma postura ideológica muito clara, que passa pela idéia de continuidade do processo civilizatório e cultural europeu no novo continente. Nesse parâmetro, Gregório com seus excessos na linguagem não poderia ser considerado de importância cabal para a caracterização de uma literatura nacional, além de que o processo político do nacionalismo ainda estava em gestação. Sob essa ótica os conceitos de Literatura e Nação estão imbricados. Seria em Minas Gerais que os sinais da decadência do poder metropolitano se fariam sentir com mais clareza, permitindo ao autor referendar a Arcádia Mineira como sistêmica, ao invés do período do barroco baiano.

O seu antecessor, em nosso percurso de leitura, é Francisco Adolfo de Varnhagen que publica *Florilegio da poesia brasileira*, em 1850, uma coletânea de autores a que tem acesso, usando para tal o critério cronológico e o de nascimento para definir o pertencimento literário de um autor. Para ele, o Brasil precisa maturar seus produtores literários, esperar que eles se civilizem para estabelecerem a literatura nacional. Preceitua a necessidade de originalidade e elevação, que é transmitida com a noção do belo dos antigos clássicos para os europeus e destes para os americanos. O ideal poético de Varnhagen é a vocação ou tendência somada à erudição ou educação que seria produzida pelo elemento novo, da nova terra.

O autor é admirador do Padre Antonio Vieira, que teria contribuído para a “regeneração moral e até literária da nova colônia” (VARNHAGEN, 1946, p. 17). Por esta posição, parece-nos visível o lugar do seu discurso, que adentra pela moral

**Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, p.216, dezembro 2009.



religiosa, vivenciada e desconstruída por Gregório de Mattos. Embora demonstre não gostar do poeta, reconhece-o importante na nossa literatura:

Cabe agora ocupar-nos do primeiro poeta, que se fez notavel no Brazil. Foi o satyrico Gregório de Mattos, que já em Coimbra, onde se formou, e depois em Lisboa nas Academias dos *Singulares* e na dos *Generosos*, a que pertenceu, começára a manifestar as tendencias de seu genio. Passando ao Brazil, terra que, segundo elle, o criára para “mortal veneno”, o descontentamento e mal estar o irritaram a tal ponto, que em vez de satyrico, era muita vez insolente. (VARNHAGEN, 1946, p. 21-22)

Baseando sua obra nos escritos a que tinha acesso, ele reclama da quantidade de poemas de Gregório que lhe chegam às mãos. Tem por critério um ideário que consiste numa condição de “continuidade” da produção dos clássicos e na possibilidade de “inovação”. Porém, funda na moral religiosa o parâmetro de escolha do que irá publicar. Sobre isso escreve:

De nenhum auctor brasileiro possuímos pois mais poesias do que deste: e entretanto será talvez delle que maior porção teremos de regeitar; não tantas por insulsas, como quasi todas por menos decorosas. Ainda assim, para não privarmos o publico d’alguns bellos trechos, e para sermos antes favoraveis á memória do poeta (que só desejaríamos poder exaltar), fazendo-o apparecer em logares, onde se descobre mais claro o seu estro, fomos obrigados a cortar ás vezes algumas expressões, quando não versos ou até trechos inteiros. (VARNHAGEN, 1946, p. 75)

A nossa proposta inicial parece corroborada por essa censura de apagamento de trechos da poesia de Gregório em que a semântica se choca com os preceitos morais. Atentamos para o tempo de quase duzentos anos entre a morte do poeta e escritura da obra de Varnhagen, semelhante ao distanciamento com a de Wolf, para destacarmos a força do poeta em escrever com um vocabulário tão agressivo, “pesado” para padrões de épocas tão distantes. Pensamos, então, na sátira e na poesia erótica de Gregório se publicada hoje, composta diretamente para pessoas conhecidas e reconhecidas pelo exercício do poder. As reações seriam diferentes e, se o fossem, não seriam mais graves? Acreditamos que sim.

Se a moral cristã-católica produziu censuras diversas em diferentes épocas ela continua presente em nosso tempo, apenas municiada de outros instrumentos de silenciamento. Propomos que o “chocante”, em Gregório, sejam a intensidade e o lugar social de onde ele fala e que se isso pudesse ser atualizado, mesmo que os valores da época não mais se coloquem no contexto, ao presencializarem no social contemporâneo, dirigiriam esse tipo de poética para o que designamos, hoje, como pornografia.

Atualizando a produção poética de Gregório, cabe perguntar se a sua popularidade à época, referendada por seus estudiosos, seria repetida no presente, enquanto olhamos o contexto urbano do século XXI. Sabemos que, durante o período de elaboração da obra poética, havia a proibição de publicações e hoje essa é uma atividade corriqueira, ultrapassando o papel e atingindo a virtualidade das comunicações. Considerando que a poesia de Gregório foi conhecida basicamente pela transmissão oral, contando com uma recolha restrita, pensamos a sua popularidade pelo viés do conteúdo temático, que atuaria como uma “voz” que “apresenta” e “representa” seus pares sociais. Incluímos nesse movimento, a aceitação geradora de sua popularidade, e a rejeição que rendeu ao poeta várias perseguições e punições.

Num processo linear de atualização, propomos que se produzida hoje a sua poética teria, possivelmente, uma divulgação semelhante, considerando as proporcionalidades – que seria propiciada pelos meios de comunicação contemporâneos – e pensamos que a motivação seria, igualmente, a “voz” que “apresenta” e “representa” e os desacordos, no juízo de valor, poderiam ser comparáveis, de certo modo, aos do século XVII, podendo (re)produzir atos de “silenciamento”, “apagamento”, talvez, de “exclusão”.

Se tomarmos as propostas de Antonio Candido quanto a existência efetiva de literatura teremos como discutir esse raciocínio. Ele fala de manifestação literária para o período em que Gregório viveu e produziu, pela ausência do elemento leitor no estabelecimento da obra, mas a oralidade e o registro de seus contemporâneos não poderiam superar essa ausência de escrita e, conseqüentemente, de leitura. No livro *Literatura e Sociedade*, Candido propõe um jogo dialético “entre a expressão grupal e as características individuais do artista” (CANDIDO, 2000, p. 23), para estruturar a criação da obra que seriam a “integração” e a “diferenciação” que acentuariam a participação nos valores comuns da sociedade ou acentuariam as peculiaridades. Pensamos que as duas ocorrências estão presentes em Gregório, sobre quem Candido escreve:

Gregório de Mattos (1623-1696) foi o profano a entrar pela religião adentro com o clamor do pecado, da intemperança, do sarcasmo, nela buscando guia e lenitivo. Ao orador [Antonio Vieira] junta-se este poeta repentista e recitador, para configurar ao seu modo, e também sob o signo do Barroco, a oralidade característica do tempo, que permaneceu tendência-limite no meio baiano, até os nossos dias. Apesar de conhecido sobretudo pelas poesias burlescas, talvez seja nas religiosas que Gregório alcance a expressão mais alta, manifestando a obsessão com a morte, tão própria da sua época, e nele muito pungente, porque

vem misturada à exuberância carnal e ao humorismo satírico, desbragados e saudáveis. (CANDIDO, 2000, p. 92-93)

O mesmo poeta barroco é visto por Alfredo Bosi, contemporâneo de Candido, teórico como ele, de outra perspectiva. Diz ele:

Em toda sua poesia o achincalhe e a denúncia encorpam-se e movem-se à força de jogos sonoros, de rimas burlescas, de uma sintaxe apertada e ardida, de um léxico incisivo, quando não retalhante; tudo o que dá ao estilo de Gregório de Matos uma verve não igualada em toda a história da sátira brasileira posterior. (BOSI, 2002, p. 40)

O contexto dos dois autores, bem como o ideário de época, é semelhante e ambos têm acesso ao mesmo material literário, mas apesar dessa “pseudo-proximidade” o pensamento de ambos tem uma posição crítica diversa. Enquanto Candido analisa o contraste entre Vieira e Gregório e prioriza a poesia religiosa como a de expressão mais alta, Bosi toma como expressão típica de Gregório as qualidades inferidas na sua lírica profana. Parece-nos que, mais uma vez, são os diferentes pontos de vista que estabelecem contrastes nas opiniões e/ou nos aspectos de valoração.

Recorremos a um contemporâneo de Bosi e Candido, para situar mais um ponto de vista sobre o poeta Gregório. É ele Haroldo de Campos, autor de *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*, em que discorre sobre as diferentes posições críticas sobre o tema título, considerando inclusive colocações de Antonio Candido. Citamos:

Um poeta [Gregório de Mattos] cuja produção é marcadamente representativa de um estilo (o Barroco) que por sua vez a transcende e que se prolonga em seus efeitos (estilemas) para além dela no espaço literário, mesmo depois que essa obra e seu autor, como tais, tenham experimentado um processo de ocultação e passado de ostensivos a recessivos no horizonte recepcional. (CAMPOS, 1989, p. 41)

O trecho reproduzido conflita com algumas das considerações de Antonio Candido o que em nada prejudica a nossa leitura em ambos, funcionando apenas como mais uma possibilidade de discussão daquilo que denominamos de dialéticas contrastivas, isto é, diálogos em que as diferenças não são necessariamente concernentes ao entendimento da obra, mas do olhar que se tem sobre ela, que parte de variados universos teóricos e de diversas realidades histórico-ideológicas. Do século XVII ao XXI temos marcações distintas na história, teoria e crítica literárias, que

originam discussões múltiplas sobre si mesmas, sobre autores e obras. A esse respeito nos fala, com muita propriedade, Marisa Lajolo, no artigo intitulado “Literatura e história: senhoras muito intrigantes”:

Constatar [...] que o nacionalismo que paira no horizonte de nossa história da literatura desde o seu nascimento é parente próximo do nacionalismo que pairava sobre as nascentes histórias literárias do mundo ocidental, evidentemente, não iguala nem nacionalismos nem histórias literárias, mas dá a questão um tom de álbum de família. (LAJOLO, 1995, p.29)

Nossa consideração final diz respeito ao modo como Gregório de Mattos realiza um duplo movimento em sua produção poética, fundamentalmente na sátira e na poesia erótica, que nos parece constituir uma dificuldade para aproximar análises e opiniões. Em nosso entendimento, ele sacraliza e dessacraliza, mente e desmente, constitui e desconstitui, constrói e desconstrói, instalando a impossibilidade de afirmativas que não possam ser negadas. É polêmico e inspira polêmica como autor, como obra canônica, como indivíduo social e como objeto de estudos literários, numa correspondência com a alcunha como se tornou conhecido: Boca do Inferno. Suas palavras preches de erotismo obscuro e/ou pornográfico remetem a idéia de nosso título: boca infernal.

Encerramos nossas considerações com as palavras de João Adolfo Hansen sobre Gregório de Mattos: “Conhecido como ‘Boca do inferno’ pelo efeito tirânico de sua poesia, a causa sobrenatural que a move faz entrever que a personagem é ‘boca da verdade’”. (HANSEN, 1991, p. 389) Reconhecemos no poeta baiano um “autor-personagem” que se “indefine” e se “redefine” a cada leitura, a cada análise, em cada momento temporal, em cada contexto espacial, escapando, se assim podemos dizer, ao domínio crítico, instaurando uma presencialidade em aberto. O “Boca do Inferno” permanece, para nós, tanto na autoria ficcional quanto na presença histórica, envolvido no que chamaremos de “roupagem simbólica” permitindo tantas diversidades em sua fortuna crítica, quantas promoveu na sua própria obra literária.

## **Referências**

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

**Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, p.220, dezembro 2009.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. 2. ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imago, [1997?].

HANSEN, João Adolfo. “Sátira barroca e anatomia política”. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ABRALIC, 1991. p. 381-390, v.1.

LAJOLO, Marisa. “Literatura e história: senhoras muito intrigantes”. In: MALLARD, Letícia et al. *História da literatura: ensaios*. Campinas: UNICAMP, 1995.

MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. v. 2.

SPINA, Segismundo. *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: EDUSP, 1995.

\_\_\_\_\_. “Gregório de Matos”. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986, v. 2, p. 114-125.

TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto: inventário da poesia atribuída a Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 2v.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. v. 1.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário: história da literatura brasileira*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Nacional, 1955.

Recebido em: 23/08/2009

Aceito em: 22/09/2009

Contato: nkg316@yahoo.com.br